

A IMPORTÂNCIA DO USO DE HISTÓRIA EM QUADRINHOS NO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA E DA LITERATURA

Edson Geraldo Spotti Silva Rego (UNIDERP)

edsonrego24@gmail.com

Aucir Lucas Blanco Ferreira (UNIDERP)

lucasblanco@hotmail.com.br

Nataniel dos Santos Gomes (UEMS)

natanielgomes@uol.com.br

RESUMO

Em anos de negação por grande parte dos docentes, logo no final dos anos 1990 as histórias em quadrinhos começaram a cativas e garantir seu espaço nas escolas brasileiras. Entretanto, independentemente da forma como as histórias em quadrinhos foram conseguindo se instalar, é necessário readaptar as obras possíveis deste produto cultural às necessidades do processo de aprendizado. Nesse caso, neste artigo temos por objetivo resaltar e nortear o uso adequado das narrativas sequenciais nas práticas educativas, ressaltando os possíveis traços para sua implementação.

Palavras-chave: Educação. Histórias em quadrinhos. Práticas educativas.

1. Introdução

1966 é o ano histórico para o desenvolvimento de aceitação das histórias em quadrinhos como material pedagógico no Brasil. Nesse ano, houve a aceitação da Lei de Diretrizes de Base da Educação Nacional (LDB) que, sugeria um acordo entre este material cultural midiático e a educação formal e “já apontava para a necessidade de inserção de outras linguagens e manifestações artísticas nos ensinamentos fundamental e básico”. (VERGUEIRO; RAMOS, 2009, p. 10)

A história entre as histórias em quadrinhos e a educação nunca foi amigável, ainda mais nessa época, onde a educação passava por grandes dificuldades devido a hostilidade do governo e a regência educacional não permitia muito a inserção de novos métodos de ensino nas escolas tradicionais, quando então, professores ousados, criativos e destemidos, se atreveram a usar as histórias em quadrinhos em sala de aula. Esporadicamente eram usadas devido à ousadia e entusiasmo dos docentes da época.



Fig. 1: Página de quadrinhos desenhada nos anos 1970 por Rodolfo Zalla para livro de Ciências

Djota Carvalho (2006, p. 32) descreve o início da inserção das histórias em quadrinhos e o estranhamento do ambiente escolar no Brasil:

Aqui no Brasil, já em 1928, surgiram as primeiras críticas formais contra as historinhas: a Associação Brasileira de Educadores (ABE) fez um protesto contra os quadrinhos, porque eles “incuriam hábitos estrangeiros nas crianças”. Na década seguinte, em 1939, diversos bispos reunidos na cidade de São Carlos (SP) deram continuidade à xenofobia, propondo até mesmo a censura

aos quadrinhos, porque eles traziam “temas estrangeiros prejudiciais às crianças.

Com o passar do tempo, a guerra entre histórias em quadrinhos e sistema pedagógico brasileiro foram se acalmando, porém só em 1970 foi possível encontrar algumas narrativas impressas sequencialmente nos livros didáticos brasileiros, elaborados então, por escritores e artistas renomados, como Eugenio Colonnezze ou Rodolfo Zalla (1992). Essas histórias em quadrinhos eram confeccionadas em uma ou mais vinhetas, usando as características ainda mantida até hoje como balões de fala, pensamentos etc.

2. Leituras de histórias em quadrinhos

A história em quadrinhos nos faz lembrar de quando aprendíamos a ler por meio dela na infância. Engana-se quem pensa que história em quadrinho é só coisa de criança. Hoje em dia, professores estão trazendo esse gênero textual para a sala de aula e obtendo bons resultados na aprendizagem de seus alunos. Os quadrinhos existem desde a época dos Maias, em que eles desenhavam seres ou animais em paredes da caverna e detalhavam os sons, ruídos dos animais junto a esses desenhos. Podemos considerar essa primeira aparição como uma forma rudimentar de quadrinho em que há onomatopeia presente no lugar da fala do personagem.

A primeira história em quadrinhos moderna foi criada em 1869 pelo artista americano Richard Outcault, ele adotou personagem fixo, ação fragmentada em quadros juntamente com balões de texto, surgiu nos jornais sensacionalistas de Nova York com o Yellow Kid que saía uma vez por semana no jornal New York World. Se pararmos para analisar os primórdios da civilização teremos nossas respostas para a invenção mais bem elaborada da história, as histórias em quadrinhos, nossas primeiras raízes vêm da era pré-histórica que serviam para contar como eram suas aventuras nas caçadas, pelos homens das cavernas. Os quadros das igrejas medievais que retratavam a via sacra – os últimos momentos de vida de Jesus na Terra – também pode ser considerado antepassado das tirinhas.

A grande diferença era que essas histórias em quadrinhos ancestrais não haviam textos, eram constituídos apenas de desenhos, necessitando da interpretação pessoal para poder descrever a história. Já no Brasil, a primeira história em quadrinho lançada em 30/01/1869 por Ângelo

Agostini (1843-1910) com o personagem Nhô-Quin, que contava a vida de um homem caipira de 20 anos de idade que visita a corte do Rio de Janeiro. Segundo Groensteen (2004, p. 44), “É nas articulações internas em elos de imagens que se fixa o sentido, jogando o texto, por este ângulo, frequentemente, apenas um papel complementar”.

A história em quadrinho já é citada como uma fonte de aprendizagem nos PCN de língua portuguesa tendo em vista seus diversos usos em questões de provas de concursos, vestibular e ENEM. De fato, os quadrinhos não são só destinados ao público infantil. Ele diferente muito quanto ao conteúdo e propósito comunicacional. Por exemplo, há charges, um tipo de quadrinho, que exige do leitor um raciocínio mais crítico diferente dos famosos gibis lidos por crianças.

Com a charge, tirinha, caricatura, pode-se trabalhar a criticidade de um aluno de ensino fundamental e médio, Ramos (2009, p. 14) afirma que “[...] ler quadrinhos é ler sua linguagem, tanto em seu aspecto verbal quanto visual (ou não verbal)”, ressaltando, ainda, que dominar essa linguagem, “[...] mesmo que em seus conceitos mais básicos, é condição para a plena compreensão da história e para a aplicação dos quadrinhos em sala de aula e em pesquisas científicas sobre o assunto.”. Além disso, a linguagem oral e linguagem escrita estão presentes nos quadrinhos de forma que o leitor acaba aprendendo a norma culta ao mesmo tempo em que está se entretendo com a leitura.

O fato é que os quadrinhos têm um papel fundamental no ensino da língua portuguesa. Saber trabalhar com esses gêneros textuais é a chave para conseguir um resultado significativo no processo educativo. O docente tem que fazer uma triagem dos quadrinhos existentes, separando-os por faixa etária, proposta de ensino e conteúdo.

3. *Quadrinhos e literatura*

Na literatura, as histórias em quadrinhos não podem ser encaixadas como uma forma literária, mas pela forma que é escrita e compartilham os elementos narrativos típicos, podem ser usadas as histórias em quadrinhos para adaptar contos e romances da literatura para melhor aceitação de crianças e adolescentes que não gostam de ler livros na íntegra, assim, Lielson Zeni (2009, p. 128), fala da origem da literatura nas histórias em quadrinhos:

Ela começou no final da primeira metade do século passado, com a cole-

ção *Classics Illustrated*, título da revista norte-americana voltada para a publicação de clássicos da literatura mundial em quadrinhos. Inicialmente chamada de *Classic Comics*, a revista surgiu em 1941 e durou até 1971, tornando-se cultuada na área e abrindo espaço para quadrinizações de romances [...]



A adaptação de *O Alienista* mostra o vestuário e os costumes do século XIX

O importante não é a qualidade da releitura da literatura para as histórias em quadrinhos, mas a forma que o docente usa o material, que em hipótese alguma deve trocar os textos integrais pelas histórias em quadrinhos feitas em forma de contos ou romances da literatura. Nesse caso, Zeni (2009, p. 131) adverte:

Mas, tratada sob o ponto de vista paradidático, é bastante importante recuperar a leitura em relação à obra original proposta pela adaptação, pois nosso foco de interesse está no original. A adaptação aqui é um apoio, uma ferramenta, uma outra leitura. E não podemos nos esquecer disso: a adaptação traz *apenas uma leitura* da obra original e não a solução ou a interpretação definitiva para ela.

No processo de aprendizado, as aplicações de quadrinhos não podem ser restritas às obras literárias de adaptação. Por se tratar de um resultado de uma implementação artística, as histórias em quadrinhos auxiliam na absorção de técnicas e conceitos estéticos da área artística. Alexandre Barbosa (2004, p. 131)

Todos os principais conceitos das artes plásticas estão embutidos nas páginas de uma história em quadrinhos. Assim, para o educador, as histórias em quadrinhos podem vir a ser uma poderosa ferramenta pedagógica, capaz de explicar e mostrar aos alunos, de forma divertida e prazerosa, a aplicação prática de recursos artísticos sofisticados, tais como perspectiva, anatomia, luz e sombra, geometria, cores e composição.

O cartunista Will Eisner (2005), diz em sua publicação de (Will Eisner, 1989, p. 5) ela é “[...] um veículo de expressão criativa [...] uma forma artística e literária que lida com a disposição de figuras ou imagens e palavras para narrar uma história ou dramatizar uma ideia”. Ou seja, as

histórias em quadrinhos são consideradas a Nona arte, e possui uma realidade estética que precisa ser considerada pelos docentes de literatura e português, pois o conteúdo expressivo é bastante considerado e se torna relevante ao ensino da norma culta.

Na adaptação de textos escritos por Franz Kafka, por exemplo, o artista estadunidense Peter Kuper (2008) empregou técnicas do Expressionismo – movimento que envolveu as artes plásticas, o teatro e o cinema, do final do século XIX até a década de 1920 –, como o contraste entre luz e sombra e a deformação, para ressaltar o clima de absurdo e de repressão retratado pelo autor tcheco.

Diante das questões abordadas nesse artigo, pode-se assegurar que as histórias em quadrinhos tem um papel expressivo no processo de alfabetização e no avanço da leitura, porém deve-se tomar cuidado com a forma que abordam o assunto, para isso, é preciso que professores e discentes saibam com usá-las, é necessária uma análise do material, distinguindo o que é bom ou não, o que é aproveitável ou não, porque da mesma forma que tem histórias em quadrinhos boas para o auxílio da aprendizagem, há aquelas que ajudam na destruição total do seu processo de educação.

E por último, é sempre bom ressaltar que a leitura de histórias em quadrinhos é completamente interpretativa, ou seja, acaba se tornando uma leitura complexa, não podendo se prender aos textos ou ao enredo da história; ler e entender os recursos da linguagem, da arte, da estética e da narração em si, abre ainda mais as questões que podem ser extraídas de seus conteúdos.

4. Considerações finais

Com base nos assuntos abordados neste artigo, pode-se afirmar que as histórias em quadrinhos têm um papel considerável no processo de educação em escolas, entretanto, é preciso que docentes e estudantes saibam como usá-las. É impreterivelmente necessária a triagem desse material, separando os mais relevantes para o uso em sala de aula conforme a faixa etária de cada aluno ou que contenha temas e informações relevantes àquelas séries. Aplicar atividades práticas a partir das histórias em quadrinhos, tornam as aulas mais ativa, mais dinâmicas e mais atrativas aos alunos com dificuldade no aprendizado ou até mesmo desinteressado por ela. E, por fim, é sempre muito importante ressaltar que a lei-

tura de histórias em quadrinhos é complexa e não deve se restringir ao texto ou ao enredo; ler e perceber o uso da linguagem, da estética usada e da narrativa quadrinizada, abre-se um leque de opções que possam ser extraídas de seus conteúdos para serem trabalhados em sala de aula.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Alexandre. Os quadrinhos no ensino de Artes. In: RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro. (Org.). *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2004, p. 131-149.

BEATY, Bart. *Fredric Wertham and the critique of mass culture*. Jackson: University Press of Mississippi, 2005.

CARVALHO, DJota. *A educação está no gibi*. Campinas: Papyrus, 2006.

DOXIADIS, Apostolos; PAPANITRIU, Christos H.; PAPANITRIU, Alecos; Di DONNA, Annie. *Logicomix: uma jornada épica em busca da verdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

EDIÇÃO Maravilhosa, Rio de Janeiro: EBAL, n. 24, jun. 1950 e n. 92, set. 1954.

EISNER, Will. *Quadrinhos e arte sequencial*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

FRANCO, Edgar. Criando histórias em quadrinhos com técnicas alternativas. In: SANTOS NETO, Elydio; SILVA, Marta Regina Paulo da (Org.). *Histórias em quadrinhos & educação: formação e prática docente*. São Bernardo do Campo: UMESP, 2011, p. 107-125.

FREMION, Yves; JOUBERT, Bernard. *Images interdites*. Paris: Editions SyrosAlternatives, c1989.

GADELHA, Olinto; HEMETERIO. *Chibata*. São Paulo: Conrad, 2008.

GROENSTEEN, Thierry. *História em quadrinhos: essa desconhecida arte popular*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2004.

HETEM JÚNIOR, Annibal; Gregorio-Hetem, Jane; TENÓRIO, Marlon. *Ombros de gigantes*. São Paulo: Devir, 2004.

KUPER, Peter. *Desista*. Franz Kafka adaptado por Peter Kuper. São Paulo: Conrad, 2008.

MENDONÇA, Márcia. *Ciência em quadrinhos: imagem e texto em cartilhas educativas*. Recife: Bagaço, 2010.

MOON, Fábio; BÁ, Gabriel. *O alienista, de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Agir, 2007.

NYBERG, Amy Kiste. *Seal of approval: the history of the comics code*. Jackson: University Press of Mississippi, 1998.

OLIVEIRA, Jô. *A guerra do Divino*. São Paulo: Hedra, 2001.

OROZCO-GOMES, Guillermo. Comunicação, educação e novas tecnologias: tríade do século XXI. In: CITELLI, Adílson Odair; COSTA, Maria Cristina. (Orgs.). *Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento*. São Paulo: Paulinas, 2011.

RAMOS, Paulo. *A leitura dos quadrinhos*. São Paulo: Contexto, 2009.

SANTOS, Roberto Elísio dos. Aplicações da história em quadrinhos. *Comunicação & Educação*, São Paulo, ECA-USP, n. 22, p. 46-51, set./dez. 2001.

SPIEGELMAN, Art. *Maus: a história de um sobrevivente*. São Paulo: Cia. das Letras, 2005.

TORAL, André. *Adeus Chamigo brasileiro: uma história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.

VERGUEIRO, Waldomiro. Quadrinhos e educação popular no Brasil: considerações à luz de algumas produções nacionais. In: VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo. (Org.). *Muito além dos quadrinhos: análises e reflexões sobre a 9ª arte*. São Paulo: Devir, 2009, p. 83-102.

_____; RAMOS, Paulo (Org.). *Quadrinhos na educação: da rejeição à prática*. São Paulo: Contexto, 2009.

VILELA, Túlio. Os quadrinhos na aula de história. In: RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro. (Orgs.). *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2004, p. 105-129.

ZALLA, Rodolfo. *A arte de Rodolfo Zalla*. São Paulo: D'Arte, 1992.

ZENI, Lielson. Literatura em quadrinhos. In: VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo. (Orgs.). *Quadrinhos na educação: da rejeição à prática*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 127-156.